

Vivências e Percepções Sobre Diversidade Em Uma Escola de Ensino Primário da Província do Bengo

Experiences and Perceptions About Diversity in a Primary School in Bengo Province

Experiencias y Percepciones de la Diversidad en una Escuela Primaria de la Provincia de Bengo

Ilídio Domingos Gaspar¹

Escola Superior Pedagógica do Bengo, Angola

Ilidio.gaspar@espbenago.ed.ao

Milagros Diaz Satolongo²

Escola Superior Pedagógica do Bengo, Angola

Milagros.satolongo@espbenago.ed.ao

Resumo

Este artigo tem como objectivo apresentar e discutir vivências e percepções sobre diversidade e multiculturalidade de alunos e de um professor de uma escola do ensino primário da província do Bengo. A investigação foi desenvolvida numa escola do ensino primário da província do Bengo com um professor e 15 alunos, usando a abordagem qualitativa. Para a recolha dos dados, utilizou-se a entrevista. Como principais resultados encontrou-se que há fortes evidências de discriminação baseada na condição socioeconómica, na etnia e na condição físicas das crianças. Existe pouco preparo dos professores a respeito da questão do multiculturalismo na escola e também não existe um plano de actuação definido de como claro e consensual para actuar em actos discriminatórios realizados pelos alunos.

Palavras-chave: Educação, Multicultural, Ensino.

Summary

This article aims to present and discuss experiences and perceptions about diversity and multiculturalism of students and a teacher in an elementary school in Bengo province. The research was developed in a primary school in Bengo province with one teacher and 15 pupils, using the qualitative approach. For data collection, the interview was used. As main results it was found that there is strong evidence of discrimination based on socioeconomic status, ethnicity and physical condition of the children. There is little preparation of teachers regarding the issue of multiculturalism at school and also there is no defined plan of action of how clear and consensual to act on discriminatory acts performed by students.

Keywords: Education, Multicultural, Education.

¹Licenciado. Departamento de Ciências da Educação

²Mestre. Assistente. Departamento de Ciências da Educação

Resumen

Este artículo pretende presentar y discutir las experiencias y percepciones sobre la diversidad y el multiculturalismo que tienen los alumnos y un profesor de una escuela primaria de la provincia de Bengo. La investigación se llevó a cabo en una escuela primaria de la provincia de Bengo con un profesor y 15 alumnos, utilizando un enfoque cualitativo. Para la recogida de datos se utilizó la entrevista. Como principales resultados se encontró que hay una fuerte evidencia de discriminación basada en el estatus socioeconómico, la etnia y la condición física de los niños. Hay poca preparación de los profesores en cuanto al tema de la multiculturalidad en la escuela y tampoco hay un plan de acción definido como claro y consensuado para actuar ante los actos discriminatorios realizados por los alumnos.

Palabras clave: Educación, multicultural, Educación.

Introdução

Este artigo tem como propósito, apresentar algumas vivências e percepções sobre diversidade de alunos e de um professor de uma escola do ensino primário da província do Bengo. É importante dizer que foram tratados por meio de entrevistas semi-abertas assuntos como percepção de diferença racial, gênero, etnia, entre outros.

No artigo se apresenta apenas um pequeno recorte deste exercício, que nos permite explorar de forma ainda inicial vivências e percepções dos alunos e formas como o professor liga com estas questões no cotidiano, lembrando que os professores não são necessariamente preparados para abordar estas questões, durante a sua formação nas nossas instituições de formação de professores, ou quando isso ocorre, é apenas de forma lateral.

Neste sentido, esta pesquisa tem sobretudo a relevância de colocar os holofotes sobre esta problemática, considerando a própria diversidade nas escolas inerente a variedade étnica do nosso país.

Também é importante lembrar da importância do papel da cultura na vida dos sujeitos aptestado não somente pelos educadores, antropólogos e demais cientistas sociais, mas também por movimentos sociais, que se têm organizado politicamente em torno do eixo da dimensão cultural, concebida como necessária para se construir um processo de luta pelos direitos sociais, de resistência ao modelo neoliberal, de criação de identidades, assim como essencial para promover o diálogo entre a escola e a sociedade, abrirem possibilidades para se construir um currículo emancipatório.

Os seres humanos são percebidos em sua totalidade, incompletude e em permanente diálogo com o mundo, reconhece-se a opressão como imposição político-econômica, cultural e ideológica de alguns grupos sobre outros; enfatiza-se a necessidade de mobilização de grandes esforços para a construção de uma nova cultura que se contraponha ao obscurantismo e a alienação social; propõe uma reforma educacional em função das aspirações da maioria, eliminação do analfabetismo, desenvolvimento das artes e disseminação cultural entre os povos.

Multiculturalidade e educação

Vários são os autores que falaram sobre o preconceito e temas relacionados, entre eles: Munanga, (2005), Carolina (2013), Jr Silva Hédio (2002), Alexandre e Fontes Cléo, (2011). Estes autores a cima abordaram o preconceito, discriminação e violência na escola numa visão sócio-histórica, estando de acordo que durante longo período se acreditou que a experiência de discriminação racial em sala de aula teria como sujeitos, via de regra, professor versus aluno, e, uma vez ocorrida a discriminação, a solução passaria pela incriminação a sanção penal do professor acusado de discriminação. Contudo, a experiência concreta evidenciou os limites de tal equação As manifestações da violência na escola conformam um quadro de agressões materiais ou simbólicas, de caráter não apenas físico e/ou moral, mas também psíquico, com conseqüências ainda não satisfatoriamente diagnosticadas, visto que incidem cotidianamente sobre o aluno.

Muitos autores defendem que o melhor caminho para o combate o preconceito, discriminação e outras formas de agregção passa especialmente pela via da educação, no caso em concreto “Educação Multicultural”.

A Multiculturalidade é reconhecida como sendo uma identidade cultural individual que se constrói através de diálogos coletivos e respeito mesmo existindo diferenças culturais e políticas, ou seja, é a existência de seres humanos com certas normas e hábitos culturais diversificados dentro do mesmo espaço.

A multiculturalidade é o reconhecimento das diferenças de cada pessoa. Para Hall (2003) o termo multicultural é qualificativo e “descreve as características sociais e os problemas de governabilidade apresentados por qualquer sociedade na qual

diferentes comunidades culturais convivem e tentam construir uma vida em comum, ao mesmo tempo em que retêm algo de sua identidade original” (p.52).

O principal objectivo da multiculturalidade é conservar as características particulares de cada grupo a promoção da interação e o respeito entre diferentes culturas garantindo assim a igualdade para todos. A multiculturalidade é um termo que descreve a existência de excessivas culturas numa cidade e/ou país, sem que uma nenhuma delas seja predominante. Isto implica diferentes níveis de mudanças envolvendo assim toda a comunidade, para que se possa combater tanto o racismo como outras formas de discriminação na escola e/ou na sociedade.

Cortesão (1993) refere que a educação multicultural é o conhecimento de diversas culturas num espaço. Já na opinião de Cardoso (1996) o conceito de educação multicultural:

É um conjunto de estratégias organizacionais, curriculares e pedagógicas ao nível do sistema, de escola e de classe, cujo objetivo é promover a compreensão e tolerância entre indivíduos de origens étnicas diversas através da mudança de perceções e atitudes com base em programas curriculares que expressem a diversidade de culturas e estilos de vida (p.9).

A educação multicultural implica o respeito pelo desenvolvimento pessoal das crianças, assim como a intervenção dos pais nos programas escolares e a utilização de vários materiais e recursos educativos.

A multiculturalidade educacional deve: Proporcionar uma diversidade de conhecimentos e de processos de ensino adequados à diversidade cultural, linguística e de estilos de aprendizagem, ser antirracista; ter um ambiente físico com estratégias e interações que reflitam e acolham uma diversidade das opiniões da comunidade, promover a qualidade de relações multiculturais de forma a todas as crianças terem os mesmos direitos, ter como base uma pedagogia crítica que dá voz aos alunos e os envolve nos processos de descoberta e aprendizagem; focar a mudança de atitudes e ser um meio reflexivo de concretização da justiça social articulando a teoria, a reflexão e a prática.

Este tipo de educação esforça-se pela criação de um meio onde possa existir grande diversidade de culturas e etnias para que possa existir uma igualdade de direitos em nível de educação.

Escola e multiculturalidade

A escola deve organizar-se de forma multicultural, envolvendo nos seus órgãos os pais e a comunidade educativa, criando assim projetos multiculturais que unam os esforços de todos os intervenientes importantes no processo educativo das crianças.

Como referido anteriormente este tipo de educação implica a intervenção, para além das crianças e do educador, de outros agentes exteriores à sala, tal como os pais. Implica que o ambiente da escola seja favorável à diversidade e que os currículos, as interações e as estratégias sejam ajustados a todas as crianças, proporcionando-lhes assim uma igualdade de oportunidades educativas.

Para Meirinho (2009) a multiculturalidade é um tema muito atual na sociedade e no contexto escolar, nomeadamente na Europa. As turmas são, cada vez mais, compostas por elementos de culturas diversas, por isso interessa levantar problemas e procurar caminhos no sentido de que todos compreendam melhor os fenómenos educativos. A escola deve prevenir falhas de interpretação cultural ou manifestações de racismo no contacto com as minorias étnicas.

Para Freire (2005) o professor e aluno se tornarem sujeitos de um processo em que um aprende com o outro por meio do diálogo. Diálogo este que é mediado pelas influências socioculturais presentes em cada ser e em cada lugar. No contexto escolar, a multiculturalidade existente necessita contribuir para o desenvolvimento de um aprendizado significativo, contribuir para o desenvolvimento de um aprendizado significativo, que favoreça a formação de um cidadão consciente, autônomo e emancipado.

A escola é o elemento fundamental na educação de comunidades, é um centro comunitário onde se desenvolvem planificações futuras. É na mistura de diversas culturas que se educa para uma educação multicultural diversificada e socialmente coesa. Quero com isto afirmar que é necessário existir uma escola multicultural para se formar uma educação multicultural.

O educador multicultural deve ter espírito aberto e aceitar a complexidade; ser imparcial e não ter preconceitos; saber escutar e respeitar prespectivas distintas; ter em atenção às alternativas que existem; questionar-se quanto às possibilidades de

erro e procurar razões para os problemas; e refletir sobre a forma de melhorar o que existe anteriormente.

Freire (2005) vê a cultura como um conjunto de sistemas de significação próprios a um grupo ou a um subgrupo, conjunto de significações preponderantes que apareceu como valores e dão nascimento a regras e a normas que o grupo conserva e se esforça de transmitir e pelas quais ele se particulariza, se diferencia dos grupos vizinhos.

Nos dias de hoje viver numa sociedade multicultural não basta, é necessário compreender este novo tipo de sociedade. É preciso aprender a viver nela e a viver com ela. É do interesse de todos que o ensino das diferentes culturas seja comum às crianças, ajudando-as a um alargar do universo cultural, pondo de lado o etnocentrismo que teima em manter-se na sociedade, nas nossas escolas e no jardim-de-infância.

A família é um elemento principal para a educação das crianças, os pais tem de conhecer, seleccionar e contribuir ativamente no que desejam para o futuro dos filhos.

O papel fundamental dos educadores é desenvolver a interação entre a escola e a família, tornando isso como um papel fundamental para o desenvolvimento e sucesso escolar das crianças.

Segundo Chalita (2001), a família tem como responsabilidade “formar o carácter, de educar para os desafios da vida, de perpetuar valores éticos e morais” (p.14).

Contexto Angolano

A chave para a edificação de uma cidadania democrática assente nos valores da igualdade, fraternidade, solidariedade, dignidade, respeito, etc., numa sociedade que se pretende mais justa, passa pela aposta numa educação intermulticultural onde a educação tradicional, despida dos seus aspectos mais retrógrados, tenha o seu espaço.

A educação tradicional em Angola tem as suas raízes na Educação Tradicional Africana (ETA) que, no período colonial, foi relegada para segundo plano por constituir um impedimento à construção de uma mentalidade nacional moderna e

um entrave à aculturação dos angolanos. Por isso, a política educativa colonial pretendeu erradicá-la por representar uma forma de enraizamento da cultura local e de resistência cultural à penetração do colonialismo.

O preconceito seria um fenômeno que aponta para duas dimensões: a do indivíduo e a da sociedade. Para que uma pessoa se torne preconceituosa, segundo o autor, além da questão psicológica há também implicações quanto ao processo de socialização, pois é como fruto da cultura e da história que esse sujeito se transforma e se forma como indivíduo. A pessoa com preconceito desenvolverá esse comportamento em relação a diversos aspectos culturais como a etnia, raça, condição social, entre outros. Essa postura preconceituosa sobre o objeto surge a partir da cultura. Sendo o sujeito produto da cultura, apesar de sua singularidade e mesmo com a experiência, não consegue refletir o suficiente para desfazer seus objetos de preconceito, pois está imerso nesses valores.

O preconceito linguístico fica bastante claro numa série de afirmações que fazem parte da imagem (negativa) que Angola tem de si mesmo e das línguas regionais. Nossa sociedade é regida por normas, regras que muitas das vezes são impostas, normalmente quando uma pessoa diz algo diferenciado do que foi ditado pela língua critica-se a pessoa dizendo que parece que ela nunca estudou, como ressalta a citação de (BAGNO, 2002, p. 139) está mais do que na hora dos profissionais da educação mostrarem o poder que podem exercer em relação ao ensino da Língua Portuguesa nas escolas, fugindo do tradicionalismo dos livros didáticos e explorando as variantes através de pesquisas, textos de diferentes regiões, debates em relação ao ser e falar diferente.

A língua é um instrumento escrito e essencialmente oral. Ao longo da história, no passado remoto em que não havia registro algum, cada grupo étnico precisou comunicar-se entre seus membros, certamente como fazem os animais irracionais de hoje, mas o homem lentamente criou uma simbologia, os signos, as palavras que deram nomes aos objetos, às ações, às circunstâncias etc. Nascia assim a linguagem, que mais tarde se tornaria objeto de estudo, ao permitir dar lugar às regras, métodos e técnicas de uso, surgia a gramática em suas diferentes formas, (histórica, tradicional descritiva, normativa).

Na escola, por vezes a discriminação também passa pela questão de género, algo que deve ser entendido como relativo à desigualdade entre mulheres e homens, que coloca os homens numa posição dominante e as mulheres numa posição subalterna, não se resume apenas na questão de género, perpassa toda a estrutura social. A dominação masculina estende-se por todas as instituições e processos, como por exemplo, família, trabalho, economia, política. É o processo de “biologização do social” ou “socialização do biológico”.

Para a mudança de paradigma várias políticas são criadas, tendo uma educação mais inclusiva e de igualdade.

Para a Constituição da República de Angola a igualdade é um princípio fundamental (artigo 23.º) e prevê que: “1. Todos são iguais perante a Constituição e a lei e 2. Ninguém pode ser prejudicado, privilegiado, privado de qualquer direito ou isento de qualquer dever em razão da sua ascendência, sexo, raça, etnia, cor, deficiência, língua, local de nascimento, religião, convicções políticas, ideológicas ou filosóficas, grau de instrução, condição económica, social e de profissão.”

Métodos e técnicas

Realizou-se uma investigação qualitativa, por meio de entrevistas a alunos e um professor com recurso à observação livre.

A entrevista foi o principal instrumento de colecta de dados. Como se sabe, esta é “utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo” (Bogdan e Biklen, 1994, p.134).

A entrevista contou com perguntas abertas, com o objetivo de obter uma representação, o mais próxima possível da realidade daquela escola.

Participantes

Participaram do estudo 15 (quinze) crianças e um professor escolhidos por conveniência dada a natureza exploratória da pesquisa.

Resultados

Os dados colectados foram organizados em grandes categorias, considerando o conteúdo obtidos, ou seja, organizou-se a informação tendo em vista as próprias respostas dos sujeitos da pesquisa. As respostas foram divididas tendo em conta o resultado da entrevista ao professor e de seguida, os dos alunos, tal como se apresenta a seguir:

Quadro nº1
Entrevista ao professor

Eixo/Categoria	Resultados
Percepção de discriminação racial e por grupo étnico	<p>já viu dois casos, um deles a aluna não queria sentar perto da outra por ser albina, o outro caso o aluno ofendeu uma colega tendo também usado a palavra “sua escura”.</p> <p>Quanto a questão da língua já vivêncio caso muito constrangedor, onde uma aluno por ter um sotaque diferente sofria insultos em todos momentos que ele se levantava para ler.</p>
Discriminação sócioeconómica	<p>O professor afirmou que tem havido muita discriminação nesse quisito, alguns alunos que tem melhor condições aparecem com objecto valioso (roupas e pastas caras, aparelho de som, telemovel, lanche etc), e têm menosprezado os colegas que por condições económica não tem.</p> <p>Já chegou a ouvir uma aluno a ser chamada de velha por por roupa de pano fora do dia de África.</p>
Discriminação de colegas com limitações físicas e discriminação de género	<p>O professor disse que inicialmente dá liberdade aos alunos de se escolherem, e quando de forma muito expressiva houver escolhas de acordo ao género, e a postura física, tenho procura intervir para equilibrar os grupos.</p> <p>O professor diz que mesmo não sendo professor de educação física tem presenciado que alguns exercícios são feito de forma grupal de acordo ao género e que os alunos com deficiência física muitas vezes só assistem os exercícios.</p>
Compreensão da ideia de multiculturalidade	<p>O professor respondeu que já ouviu falar sobre essa educação, mas que nunca pesquisou a fundo para saber suas finalidades. Afirmou também que nunca recebeu um seminário de capacitação com essa temática.</p>
Atitudes diante do preconceito	<p>O professor disse que só tem tomado medida quando vê o preconceito acontecer, e que a culpa não é só da escola, é também da família, porque muitas crianças são preconceituosas por influência da família. Acrescentou ainda que quando pede ao encarregado de educação para vir à escola e tratarem assunto sobre a actitude do aluno, raramente os encarregados vêm e os que vêm quase nada falam se não ameaçar os alunos sobre castigo físico.</p>

Fonte: Elaboração própria

As entrevistas dirigidas aos estudantes foram organizadas seguindo a mesma lógica usada no caso do professor. Entretanto, vale notar que neste caso encontramos um volume mais por se tratar de um número igualmente maior de sujeitos participantes, tal como é apontado na metodologia. As respostas foram organizadas a parte de 3 eixos principais, de acordo com o recorte escolhido.

Quadro nº2

Entrevista aos alunos

<i>Eixo/Categoria</i>	<i>Resultados</i>
Percepção da questão racial, sócioeconómica e etnia dos colegas	Os alunos relatam grande valorização e desejo de terem colegas brancos; O alunos demonstraram preferência por colegas com sotaque igual ao seu, portanto da mesma etnia, ou formação cultural; Preferem colegas que vestem o que eles chamam de roupas da moda; Os meninos mostram preferência por andarem com colegas do mesmo sexo, apesar de alguns deles relataram não terem nenhuma preferência; Sobre a convivência com os colegas que apresentam limitações motoras, eles dizem-se desconfortáveis em cooperar com os mesmos em actividades físicas;
Conhecimento sobre preconceito	Relatam que o tema é tratado apenas nas aulas de Educação Moral e Cívica, mas que não é tratado de modo transversal em outras disciplinas.
Como a escola lida com preconceito	Relatam que os professores insultam, ou expulsam da sala de aulas.

Fonte: Elaboração própria

Discussão dos resultados

Sobre a questão da percepção da discriminação o professor deixa claro ter presenciado pelo menos alguns casos, tratando inclusive de fazer caracterizações sobre as mesmas, que dizem respeito tanto a questão racial, quanto à questão étnica. A primeira aponta muito mais que para um racismo, para uma situação de uma certa construção que sobrevaloriza uns sujeitos (brancos) em detrimento de outros (não-brancos). Algo que pode ser explicado pelo menos parcialmente pela nossa herança histórica colonial, e pelas actualizações feitas por meio da própria educação e essencialmente da cultura de massas. A questão étnica sempre foi um problema, sobretudo durante os períodos do conflito militar e de novo, a mesma também é um subproduto dos aspectos apresentados quanto a questão racial.

Além da discriminação referida, também há evidência da baseada na condição económica, o que muitas vezes aparece na valorização dos símbolos económicos, tais

como a roupa. Essas questões apresentadas tanto pela análise dos resultados da entrevista ao professor, quanto aos alunos.

Outra evidência importante diz respeito ao tipo de contacto entre os supostos “normais” e as crianças com limitações motoras. Em que fica relativamente explícito o incómodo causado por se terem que adaptar às condições dos colegas para trabalharem em conjunto. O contacto fácil parece ser aquele que não exige muito esforço de compreensão das diferenças.

Algumas questões poderiam se calhar serem tratadas pelo próprio professor se ele tivesse a oportunidade de aprender a respeito. Fica expresso nos dados, por exemplo, que o próprio pouco sabe sobre assuntos como multiculturalidade, o que já cria obstáculos a qualquer tentativa de instaurar, um programa na escola que atenda essa preocupação.

As medidas tomadas pela escola e por conseguinte pelos, também precisam de ser revistas, pois em muitos casos, considerando o carácter e violento em vez de pedagógico das medidas adoptadas, podem na verdade acirrar a raiva dos alunos que já discriminavam os outros, escalando para outras formas de violência como vingança pelo castigo.

Conclusão

Entendemos que neste artigo conseguimos apresentar tal como nos havíamos proposto, os achados preliminares do estudo realizado. Assim, gostaríamos de destacar como principais conclusões e constatações as seguintes:

Há evidências sobre ocorrência de acções de discriminação na escola em estudo, muitas delas presenciadas por professores, que infelizmente nem sempre possuem o devido preparado para lidar com tais situações

Seria interessante que a escola colocasse nas suas agendas a discussão de aspectos como a questão racial, discriminação baseada na condição económica, género e mesmo a situação de crianças com limitações motoras, trabalhando os sentimentos dos alunos vitimizados, mas também dos perpetradores das mais diversas formas de discriminação.

As medidas tomadas pela escola e por conseguinte pelos professores para reprimir a discriminação, também precisam de ser revistas, pois em muitos casos, considerando o carácter e violento em vez de pedagógico das medidas adoptadas, podem na verdade acirrar a raiva dos alunos que já discriminavam os outros, escalando para outras formas de violência como vingança pelo castigo.

A escola precisa de avaliar a possibilidade e urgência de construir um projecto político-pedagógico que tenha no cerne a questão da multiculturalidade, atendendo os próprios aspectos de diversidade intrínsecos à nossa formação como nação.

Referências Bibliográficas

- Bagno M. (2002). Preconceito Linguístico: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola.
- Cardoso, C. (1996). Educação multicultural: percursos e práticas reflexivas. Lisboa: Texto Editora.
- Cardoso, C. (1998). Gestão intercultural do currículo. 1º Ciclo. Luvi Printe: Lisboa Chalita, G. (2001) Educação: A solução está no afeto. São Paulo: Gente.
- Angola (2010). Constituição da República de Angola. Assembleia Nacional. 1ª Série do Diário da República n.º 023 de 5 de Fevereiro de Angola.
- Crochík, J. L. (1997). Preconceito: indivíduo e cultura. São Paulo: Robe. Freire Paulo. (2005). Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Hall, S. (2003). A questão multicultural. In: Da diáspora. Belo Horizonte: Editora Heller Agnes. (2000). Cotidiano e a história. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Marcus Eugênio Oliveira Lima. (2020). Psicologia social do preconceito e do racismo. São Paulo: Blucher Open Access.
- Meirinhos M. (2009). Retrato de uma escola multicultural: Estudo de Caso. Universidade de Lisboa: Faculdade de Ciências.
- Menegolla, Maximiliano, Sant'anna, Ilza Martins. (1999) Por que planejar? Como planejar? Currículo – Área – Aula. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Paulo Freire, (1993). Política e educação. São Paulo, Cortez, 2001. (Coleção Questões de Nossa Época; v.23).
- Sanfelice R. Gustavo e Bassani S. Patricia, (2020). Deversidade Cultural e Inclusão Social. Novo Hamburgo: Universidade Feevale.
- Scott, Joan. (1996). Género: uma categoria útil para a análise histórica. In: SOS Corpo: género e cidadania, 3ª ed. Recife.
- Stoer, S., Cortesão, L. (1999). Levantando a pedra: da pedagogia inter/multicultural às políticas educativas da época de transnacionalização. Porto: Edições Afrontamento.
- Vigotsky, Lev Semenovich. (2000). A construção do pensamento da linguagem / L. S. Vigotski; tradução Paulo Bezerra. - São Paulo: Martins Fontes.

*Recebido em 19 de Fevereiro de 2022
Aceite em 12 de Junho de 2022*



Este artigo está licenciado sob a licença: [Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). Ao submeter o manuscrito o autor está ciente de que os direitos de autor passam para a Revista Olhar Científico.